

XIII CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA
29 DE MAIO A 1 DE JUNHO DE 2007, UFPE, RECIFE (PE)

GT: O FENÔMENO RELIGIOSO

**PRÁTICAS E SOCIABILIDADES NO UNIVERSO
COTIDIANO RELIGIOSO DE JUAZEIRO DO NORTE**

Maria Paula Jacinto Cordeiro (UFC)
paulacordeiro@gmail.com

PRÁTICAS E SOCIABILIDADES NO UNIVERSO COTIDIANO RELIGIOSO DE JUAZEIRO DO NORTE

1. INTRODUÇÃO

Todos os anos, milhões de pessoas se deslocam de vários cantos do Nordeste e do Brasil num percurso carregado de simbologias e se integram numa comunidade¹ maior e efêmera que se forma durante o tempo das romarias em Juazeiro do Norte. Ali, novas formas de ordenamento social delineiam sobreposições de modalidades de auto-representação e representação do outro, a partir da mobilidade de diferenças de interesses, distâncias e fronteiras vivenciadas no cotidiano da cidade. O esforço reflexivo deste estudo volta-se para identificar a dimensão que as lutas simbólicas têm nos processos de representação e classificação do mundo das romarias.

A perspectiva de observação identifica o lugar e o tempo das romarias em Juazeiro do Norte como universo interpretativo capaz de dar sentido às ações coletivas de moradores e visitantes. Como lugar de memória e identidade, a análise de campos de disputas simbólicas pode explicitar e tornar compreensível as redes de relações e os significados ali depositados que motivam o interminável ciclo de retornos ao Juazeiro. Parte do texto se volta para a descrição de práticas culturais nativas a partir de realização de observação durante as romarias em 2005 e 2006, quando fiz registros de eventos por meio de fotografia e realizei entrevistas.

O objetivo geral desta breve reflexão é apresentar um esboço descritivo do tempo das romarias e sua configuração a partir das relações que se delineiam no encontro entre moradores e romeiros. Foco também a devoção dos romeiros, identificando suas práticas, consideradas aqui na perspectiva de um *habitus* construído e ressignificado por gerações sucessivas de romeiros ao longo do tempo das romarias, que remetem a tensões entre os agentes e contribuem para identificar a lógica de sua reprodução.

2. ROMARIAS E ROMEIROS: CATEGORIAS EM MOVIMENTO

Como eventos religiosos, as romarias carregam em si um sentido de busca na medida em que se constituem ritos de passagem do comum para o ideal, do cotidiano para o excepcional. Embora se revistam de um caráter individual – já que cada um refere-se a motivações de foro íntimo – as romarias não tratam de trajetória percorrida individualmente, mas do universo simbólico criado por todos e reflexo de processos sociais mais abrangentes, na medida em que determinam condutas e práticas sociais referentes a papéis e identificações reconstruídas através da participação do indivíduo no cenário social (BERGER, 1986).

Nas romarias, ocorre continuamente produção de novos significados para os eventos e agentes que a ela se relacionam, principalmente ao se considerar a sua categorização como evento do turismo religioso e suas implicações. Nesse encontro de circunstâncias, ou interseção de estruturas, a identidade do “romeiro” é colocada em jogo na disputa simbólica das designações. A variedade de interações religiosas e culturais que comumente acontece no tempo de romarias aponta como eixo significativo de análise a compreensão da configuração do fenômeno a partir de interações interpessoais, da relação entre lugares e eventos em diálogo com tradições atualizadas nos atos rituais e formas de sociabilidade construídas nas vivências ali proporcionadas.

Provavelmente, a manutenção de um *habitus*, um esquema prático construído por gerações sucessivas de romeiros, seja uma forma de dar continuidade às relações objetivas que os originaram e são reforçadas na perspectiva do encontro com o “outro” ou na prática ritualística que envolve o rememoração de valores e crenças fundamentais para sua identificação social. Nesse sentido, os atos religiosos servem para lembrar os significados tradicionais encarnados na cultura e suas instituições mais importantes. De outra forma, o *habitus* permite aos indivíduos estabelecer um lugar no seu mundo, pois também põe em prática princípios de diferenciação.

Essa concepção atrai o foco de discussão para as modalidades específicas segundo as quais no campo religioso se institui, organiza, preserva e reproduz uma linhagem crente; ou promove a continuidade de uma prática religiosa que tem em si aspectos aparentemente opostos, imbricados, fazendo do indivíduo ao mesmo tempo sedentário praticante que volta para fazer parte do ritual ano após ano e peregrino em movimento que corresponde a uma forma de sociabilidade religiosa que se expande e se estabelece na perspectiva da mobilidade e da associação temporária². O cenário se amplia na medida em que as categorias “romeiro” e “morador” sofrem influência de instituições e agentes que se beneficiam com o advento do turismo religioso, construtor da noção de peregrinação como produto de consumo.

Provavelmente há mudanças nas motivações para as romarias e na reprodução da devoção nas novas gerações de romeiros. Uma abordagem como essa conjuga temporalidades que desafiam a interpretação considerando a diacronia que encerram. A questão que se coloca é a respeito de como os pontos de vista de moradores e romeiros interferem nas práticas performáticas associadas ao ser romeiro, considerando que *performance* e ação complementam o sentido das representações, proporcionando que a sociedade se afirme e se recrie periodicamente.

3. JUAZEIRO EM MOVIMENTO

Oficialmente são três romarias por ano no calendário de festas da Igreja³, com duração média de três a quatro dias⁴. Além dessas, mais duas romarias se originaram nos cultos e festividades relacionadas ao nascimento e morte do Padre Cícero⁵. Em 2006, foi criada a 1ª Romaria Diocesana com participação das 46 paróquias regidas pela Diocese do Crato, evento que mobilizou preparativos por parte da Igreja durante mais de três anos e que se insere no calendário de anual de festas religiosas.

A população de Juazeiro do Norte está em torno de 240 mil habitantes (IBGE, 2006). No tempo das romarias, a cidade se transforma com a recepção de visitantes num contingente populacional até três vezes maior que o número de habitantes locais. Nesses períodos os usos e apropriações dos espaços urbanos se transformam completamente para receber milhares de visitantes. Muitos desenvolvem com o Padre Cícero uma relação de “afilhadagem”⁶ e, para estes, Juazeiro se torna um “translocal”, um portal onde é possível relativizar tempo e espaço. Juazeiro é então: “oásis do sertão”, “refúgio dos pecadores”, “terra da Mãe de Deus”, e “lugar de redenção”. Para alguns é a dimensão festiva da romaria que perpassando o eixo das motivações, garante o retorno ano após ano.

Homem, homem santo ou santo, Padre Cícero é ícone e símbolo presente na dinâmica social local. É ele que nomeia a avenida e a praça principal, um sem número de estabelecimentos comerciais e de serviços, além de ser marca registrada de vários estabelecimentos comerciais e inúmeros produtos. Muitos romeiros também continuam e adventícios registrando seus filhos por Cícero(a). Sua imagem é reproduzida em estátuas, retratos, gravuras, utensílios e peças publicitárias que estão na grande maioria das casas dos moradores e empresas locais. Se houver uma sala de santo na residência sua imagem estará ao lado do Coração de Jesus e da Virgem Maria. Nos estabelecimentos comerciais, das mercearias aos bancos a imagem do Padre também está presente logo na entrada.

Ao lado de uma população de origem migratória que se estabeleceu e se reproduziu ao longo dos últimos cem anos, o município continua recebendo imigrantes de várias localidades nordestinas, com uma taxa de crescimento demográfico correspondente a 2,4 % ao ano (IBGE, 2006). Essa população de origens distintas possui elementos de identificação que constituem um “nós” em relação a um “eles” (os chamados romeiros), mesmo quando o morador, em um momento anterior de sua trajetória, tenha pertencido àquela categoria. Nesse processo, indivíduos e grupos em confronto com “o outro” - que é plural; resultante de diferentes ordenamentos e códigos sociais – assistem ao câmbio criativo de identidades.

4. TEMPO DAS ROMARIAS

Mais que o estabelecimento de relações entre locais e visitantes, no tempo das romarias o encontro entre os agentes é uma espécie de transfiguração da realidade cotidiana. Naquele cenário de representações, desejos, aspirações, composto de estética cujos ícones remetem ao sagrado, a romaria é vivida como um tempo fora comum, num lugar além do cotidiano. Tempo e espaço se situam de forma arbitrária, nesse lugar de todos os tempos. Em Juazeiro, “Terra da Mãe de Deus”, a estação das romarias é um paradoxo de tempo e um lugar prenhe de sentidos seculares e significados sagrados⁷. Lá as fronteiras entre indivíduos e a própria condição espacial do lugar são, antes de tudo, construções simbólicas, magmáticas, instáveis e os critérios de suas demarcações se recompõem a cada instante⁸.

Os romeiros que se deslocam a Juazeiro e buscam amparo nos ritos de sua devoção importam-se prioritariamente em fazer pedidos e agradecer os que foram atendidos. O que pedem? Curas para males físicos e espirituais; soluções para entraves em relacionamentos, inclusive de ordem familiar e amorosa; melhoria de sua localização no mundo social através de benefícios relacionados a questões materiais. Enfim, contam com a intervenção divina, pela mediação do Padre Cícero e da Mãe das Dores, na solução de suas mazelas e melhoria de condições de vida e trabalho. Essa demanda expressa uma perspectiva coerente num mundo em que as incertezas da vida se delineiam de forma mais eloqüente que as da morte (BAUMAN, 1998), na medida em que também as exigências do presente tencionam-se fortemente com os horizontes de uma realização futura e abrem espaço para novas abordagens do religioso.

Por ordem de importância, os romeiros realizam nos dias de visitação o itinerário religioso (Colina do Horto, igrejas, cemitério); seguido do itinerário turístico relacionado à visitação de praças, museus e reconhecimento espacial da cidade; fazem compras; buscam lazer e diversão.

Na programação da estadia, a missa na Capela de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro é obrigatória. Ali, o túmulo do Padre Cícero, a menos de um metro da mesa de celebrações, faz parte do balcão suspenso, cercado por grades de ferro de um metro de altura, isolando a massa do altar. As missas acontecem com periodicidade horária e tem sempre muita gente no ambiente que se torna mais quente com o cheiro permanente de vela queimando, suor e movimento frenético. Muitos se comprimem para chegar ao balcão e por entre as grades tocar no túmulo, outros contritos murmuram orações a contemplar o túmulo repleto de todo tipo de objeto “para que fique bento”.

É para a igreja Matriz de Nossa das Dores que convergem os fiéis nas grandes celebrações. Festa e culto, as cerimônias são conduzidas com sobreposições de narração dos fatos históricos que envolvem o padre Cícero ao roteiro formal da celebração. Para uma

moradora da cidade que assiste a missa diante da devoção dos romeiros ali presentes pergunto sobre o que ela sente e pensa:

Acho bonito de ver aquele povo na Igreja. O padre anima, pede salva de palmas, vivas para Nossa Senhora, Padre Cícero e todos os santos. O povo levanta o chapéu, balança os braços... É bonito, é bonito. [...] Olho pro lado e vejo gente chorando. [...] Não me emociono não, minha filha. A igreja pra mim tá ali todo dia... Eles se emocionam porque vêm de longe, não sabem se ainda voltam a Juazeiro. E tem o sacrifício, a gratidão [...] Esse povo é sofredor, o evangelho daqui torna eles mais feliz. (V. A. C. – Entrevista a mim concedida em 24 de março de 2005).

Para todos que fazem de Juazeiro do Norte um destino, a visita à colina do Horto – onde está localizada a estátua do Padre Cícero voltada para a cidade, como que para protegê-la - é obrigatória, e é comum a reprodução dos itinerários desenhados pelo Padre. Na visita ao Horto, aos pés da estátua de 27 metros de altura, o sentido da visita torna-se mais nítido. No lugar mapeado por “peneiristas”⁹ e que circulam visitantes é a pose para a fotografia que chama a atenção da pesquisadora. Num ângulo estudado, os fotógrafos fazem a imagem do Padre com a mão na cabeça do romeiro. “O senhor garante que meu Padim bota a mão na minha cabeça?” pergunta-lhe a romeirinha.

Ainda no Horto, na visita ao museu vivo, que reproduz cenas do cotidiano do padre com imagens de resina em tamanho natural é comum visualizar o encantamento no rosto dos visitantes. Muitos não conseguem se conter: “Vixe Maria, minha nossa senhora! Parece até que meu Padim tá aqui com nós”. Naquelas salas são contadas histórias que balizam seus conhecimentos e convicções moral-religiosas. A visita funciona como um ato de renovação, uma prova experimental de suas crenças. Até a riscadeira feita na estátua, entre milhares de outras até o alcance da mão: “Jesualdo de Lima – Bodocó – Pernambuco – Estive aqui – 02 de fevereiro de 2005”, denuncia o compromisso de conservar e reafirmar os sentimentos e idéias coletivas que se constituem indicativos dos elementos que configuram o sentimento de pertença a essa grande e efêmera comunidade que se forma na romaria.

A cidade, e principalmente o entorno das igrejas, praças e monumentos, se transforma numa imensa feira, onde é possível abastecer-se de artigos religiosos, instrumentos de trabalho, jóias, utensílios de cozinha em alumínio, alimentos, confecções, roupas de cama - mesa e banho, e um sem número de acessórios e adereços para casa. O caráter festivo da feira reconfigura o centro da cidade. Ali as mercadorias são expostas em barracas ou estendidas nas calçadas que quando não usadas pelos lojistas são alugadas a comerciantes ambulantes tornando impossível o tráfego de pedestres. Por hábito desenvolvido em suas pequenas cidades de origem e por falta de espaço, os romeiros transitam pelo meio da rua. O trânsito torna-se caótico com motoristas irritados e congestionamento de veículos - carros,

caminhões, ônibus, motos, bicicletas, carroças puxadas por muares e carrinhos de picolé e lanches.

No fim do dia e término da jornada comercial, grupos de romeiros se reúnem nas praças e calçadas dos bairros residenciais mais centrais. Conversam muito sobre compras, roteiros a percorrer, temas em voga na atualização do lugar e sobre o contexto social mais amplo que envolve os assuntos que correm no noticiário televisivo. Depois da última missa do dia, os grupos reunidos aumentam em número e diversidade. Moradores improvisam bares de calçada, e ali os mais jovens namoram ao som de bandas de forró estilizados e freqüentemente se embriagam. Risadas fartas, chinelos fazendo barulho de arrastado são ouvidos até o avançar das horas. As noites divertidas e alegres de uns, são ruidosas e tumultuadas para outros que querem repousar e se tornam mais longa que de costume para todos.

Os aspectos de modernidade que conferem caráter metropolitano ao município permitem observar que, a despeito de uma cultura religiosa fortemente arraigada no cotidiano local, quem não partilha diretamente do caráter profano e sagrado que permeia a festa religiosa procura sair de cena¹⁰. Permanecem na cidade os que participam das cerimônias religiosas, os trabalhadores, os comerciantes e demais envolvidos na produção de bens e serviços. Nesse sentido, identificam-se dois movimentos distintos: aproximação e distanciamento entre moradores e romeiros envolvidos, que se sobrepõem e não contemplam isoladamente elementos suficientes para determinar os níveis de entrosamento e sociabilidade que se desenvolvem na relação entre romeiro e morador.

O caráter transgressor das lógicas do cotidiano imposto pela extrapolação da capacidade de carga do município no tempo de romaria, contribui para delinear antagonismos entre determinados grupos de moradores e de romeiros¹¹. Enquanto os meios de comunicação locais procuram difundir a construção de um comportamento hospitaleiro, é comum para parte da população que não se beneficia diretamente com o fluxo das romarias, evitar o contato com o público romeiro. Estes evitam no tempo da romarias ir ao mercado, a Igreja, sair de casa enfim.

Como em qualquer sociedade, os moradores do município de Juazeiro do Norte observam certos padrões de comportamento e normas de convivência social que são fundamentais para a manutenção de um estilo de vida já estabelecido. A invasão do espaço urbano, mesmo pelo curto período das romarias compromete o cumprimento dessas normas que para os locais são simples, óbvias e reguladoras da vida na cidade, fazendo-a ocorrer de forma previsível. Tempo e espaço, para o morador são dimensões que marcam a sua trajetória cotidiana de maneira distinta da trajetória romeira. Existe horário determinado para a escola, o trabalho, o almoço; hora marcada para o atendimento em profissionais liberais e serviços

diversos; tempo curto e intervalos para tomar providências, cumprir com agendas. De certa forma, o residente constrói sua rotina em função de tempos e deslocamentos outros, relógio e semáforo tem sentidos variados. Tempo e espaço são, sobretudo, dimensões culturais da vida social.

Além da enxurrada de carros de visitantes que superlotam as ruas e avenidas, para o romeiro pedestre o tempo tem uma dimensão diferente. Não há pressa para ver uma vitrine, mesmo que um grupo inteiro pare para olhá-la – o que é comum – e impeça a passagem dos demais transeuntes que vêm a seguir. E já que nas calçadas, “privatizadas” por camelôs, não há espaço para andar, os grupos se deslocam pelo meio da rua da forma como cada um o faz naturalmente em suas pequenas cidades de origem. Tal conduta cria congestionamentos em praticamente toda a cidade. As normas de deslocamento de pedestres também não são reconhecidas nem respeitadas pelos romeiros que param no meio de cruzamentos e estancam no meio da travessia de uma calçada para outra quando se deparam com um carro. Para o morador a subversão no uso dos espaços urbanos implica numa tensão contínua que envolve além de possibilidades de acidentes de trânsito, riscos objetivos: atraso nos compromissos, alteração no ritmo cotidiano, exposição a endemias¹² e aumento da criminalidade¹³. É ele que deve se adaptar ao estado de coisas durante a romaria que se impõe.

Talvez a despreocupação de romeiros em conhecer e zelar as normas da comunidade em que se insere diga respeito ao caráter transitório da interação e aparente intimidade que desenvolve com morador, como se as impressões e opiniões deste não lhe fossem relevantes. Por outro lado, observando mais atentamente, grande parte dos romeiros se apresenta como para uma festa. Isso leva a considerar que não há interesse nem tempo suficiente durante a curta estadia para entender uma forma de organização social que é diferente da dele. A estrutura urbana também não favorece isso, embora possivelmente haja uma preocupação com a reputação no que se refere ao zelo com a própria imagem no ambiente em que visita.

Seja qual for o papel assumido pelos agentes, seja como for a natureza do encontro entre morador e romeiro, o momento da despedida culmina em alívio e vazio; se misturam saudade e nostalgia; e a sensação de dever cumprido se complementa a de “final de feira”. Na missa de despedida da maior festa do ano, na Igreja Matriz, chapéus oscilam nas mãos erguidas. “Meu padrinho, quanta saudade o senhor deixou entre nós/ Hoje vivo em nossa luta/ Dá mais força a nossa fé”. A seguir caminhões e ônibus em procissão durante horas a sair da cidade. Os romeiros vão cantando e rezando, até que sua presença torna-se apenas um murmúrio dos ventos. Para quem fica e para quem vai, a certeza do anúncio da aterrissagem no cotidiano: o lugar de sonho que ficou para trás de uns, é o lugar de outros repararem o caos e conferir o lucro.

Na cidade, os moradores ao se transportarem novamente para o cotidiano encontram vestígios daquele outro lugar em toda parte. Como quem acorda da ressaca e enfadado, olha ao redor depois da festança, e tudo está exageradamente usado, repentinamente vazio e excessivamente sujo. É hora de arrumar a casa e, enfim, assumir o desafio de voltar à normalidade.

5. CONSIDERAÇÕES

Romeiros e moradores localizam-se no universo cotidiano religioso de Juazeiro do Norte ora em contextos de aproximação, ora em contextos de antagonismo, mobilizando capitais relacionados ao número de retornos, ao domínio de práticas e comportamentos. Porém é possível identificar em alguns discursos que a auto localização passa por uma compreensão do próprio lugar em relação a um outro. Isso aparece como uma demonstração de que as interdependências se distribuem em séries de antagonismos, instáveis, móveis, equilibrados, que são a própria condição de sua possível reprodução (CHARTIER, 2001). No centro das figurações móveis, se estabelece um equilíbrio flutuante das tensões, um movimento pendular de equilíbrio das forças, que oscila para um lado e para outro.

Muitos romeiros vêm a Juazeiro ressignificar na cidade em que viveu o Padre Cícero, suas identidades através de experiências e de saberes partilhados no convívio social. Nesse sentido, a visita à cidade monumento é uma visita a um personagem marcante do seu imaginário num lugar que funciona como repositório de outros modos de vida e estimula a construção imaginada do presente.

Embora Juazeiro do Norte não represente um cenário de desregulação institucional na medida em que as romarias continuam se orientando para o exercício de uma vivência religiosa com uma forte vinculação institucional, no discurso romeiro é possível identificar um vazio institucional cotidiano. Muitos dos “romeiros” residem em pequenos povoados e vilas e que, pela falta de padre, chegam a passar mais de um ano sem assistir a uma celebração em suas pequenas capelas. Pouco se divertem, consomem o mínimo e, geralmente, não se distanciam de suas localidades até que é chegado o momento da romaria, na qual muito consomem e se divertem. A romaria é a maravilha vivenciada da identificação que se delinea no plano emocional, no fervor de se constituir um eu romeiro que se funde a um “nós” no sentido de “povo romeiro”.

Em detrimento da identificação de algumas regularidades em relação a perfis e identidades, a romaria não “é”, ela acontece. E muito do que se pode vislumbrar na cidade de Juazeiro do Norte no tempo das romarias é fruto de múltiplas determinações, pois apesar das motivações coletivas relacionarem-se à participação em eventos religiosos, parece estar sempre presente uma tensão entre devoção e diversão que se apresenta mais tangível nas

disputas entre gerações a respeito da possibilidade de uma continuidade de devotos que venham “de fato” fazer romaria.

Essa disputa se delinea mais claramente quando aparece em discursos de romeiros ao tentarem localizar o que significa “ser” romeiro num contexto de mudanças na compreensão das romarias com ampliação de vivências que dizem respeito a experiências lúdicas e de consumo de bens e serviços. Frequentemente, o romeiro de gerações mais antigas se localiza a partir de um *habitus* que remete a práticas tradicionais das romarias. Sua imagem é então a do devoto fiel, do pagador de promessas, do que cumpre uma penitência. As mudanças referentes às práticas de consumo e diversão são “empurradas” para as gerações mais jovens e usadas para localizá-los (os jovens) como pseudo-romeiros, indivíduos distanciados das práticas tidas como legítimas do *ser* romeiro.

Em Juazeiro do Norte, onde sagrado e secular se sobrepõem, distingui-los implica na tentativa de compreender sua complementaridade fundamentada nos valores centrais – oração e trabalho. Os valores centrais de uma comunidade como afirma Shils (1996) pertencem à esfera da ação local e, assim, são afirmados e seguidos porque representam a ordem cuja tendência é ser universalizada.

A trajetória em si, desde a saída de casa até Juazeiro do Norte delinea um eclético roteiro de visitação, como uma espécie de remissão daquilo que lhes falta. Como descreve Durkheim (1989, p. 493) a respeito da função dos atos religiosos; “Ele [o homem] sente em si força maior para suportar as dificuldades da existência e para vencê-las”. É nesse sentido que tomo a afirmação de Geertz (2001, p. 155) de que “o mundo não funciona apenas com crenças. Mas dificilmente consegue funcionar sem elas”. Embora essa distinção entre a racionalidade pragmática da versão científica da realidade e a escatologia vivenciada na religião seja exaustivamente procurada, percebe Geertz que “não há uma luminosa linha divisória entre as preocupações com o eterno e as do cotidiano, aliás, praticamente não vemos linha divisória alguma” (2001, p. 153). As relações existentes entre sujeitos sociais durante os eventos apontam dependências recíprocas ligando os indivíduos e estabelecendo códigos e comportamentos determinados.

Assim, torna-se apropriada noção trazida por Bourdieu (1983) ao considerar que estrutura tanto se reproduz como muda através de estratégias de conservação e subversão. Imersos num campo de lutas simbólicas, romeiros e moradores constroem, por meio de uma concorrência de interesses, adequações entre as práticas em períodos de romarias e as práticas cotidianas da sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERGER, Peter. 1985. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulus. (Coleção sociologia e religião – 2).
- DA MATTA, Roberto. 1997. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Rocco.
- BAUMAN, Zigmunt. 1998. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- BOURDIEU, Pierre. 1983. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero.
- _____. 1996. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas – SP: Papirus.
- CHARTIER, Roger. 2001. Prefácio. In: ELIAS, Nobert. *A sociedade de corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- DURKHEIM, Émile. 1989. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Paulinas.
- GEERTZ, Clifford. 1989. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC.
- _____. 2001. *Nova luz sobre a antropologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- IBGE. 2006. *Cidades@*. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/default.php>> Acesso: 10-09- 2006.
- HERVIEU-LEGER, Daniele. 2005. *O peregrino e o convertido: a religião em movimento*. Lisboa: Gradiva. (Coleção religião aberta)
- LEACH, Edmund R. 1996. *Sistemas políticos da Alta Birmânia: um estudo da estrutura social Kachin*. São Paulo: EDUSP. (Clássicos – 6).
- SHILS, Edward. 1996. Centro e periferia. In: *Centro e periferia*. Lisboa: Difel. p. 53-71.
- SHORE, Cris. 1996. Comunidade. In: OUTHWAITE, William; BOTTOMORE, Tom (Eds.). *Dicionário do pensamento social do século XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. p. 115-117.

NOTAS

¹ Considera-se aqui a dimensão subjetiva da comunidade romeira, um estado de espírito ou sentimento de pertencimento por vezes fluido e intangível, mas que surge como elemento de auto-identificação no grupo (Cf. SHORE in OUTHWAITE, BOTTOMORE, 1996).

² A elaboração abstrata que corresponde à vivência religiosa numa lógica sedentária do convertido em oposição a uma lógica “em movimento” do peregrino é parte da leitura que faz Danielle Hervieu-Lèger (2005) na perspectiva de compreender as modernas mutações do religioso.

³ Em fevereiro (2), festa de Nossa senhora das Candeias, em setembro (15), festa de Nossa Senhora das Dores, padroeira do município e em novembro (2), celebração do dia de Finados.

⁴ O fluxo de visitantes não se restringe a esses períodos, durante as semanas que antecedem as festas religiosas é comum distinguir grupos de romeiros em visita à cidade.

⁵ Em março (24) acontece a comemoração no nascimento do Padre Cícero, com festividades que duram uma semana e em julho (20) se comemora o aniversário de morte do patriarca que é ponto culminante da chamada “semana do município” cuja data de emancipação política é comemorada em 22 de julho e geralmente é momento em que a municipalidade faz a “entrega” e inauguração de obras públicas, como construção e reforma de escolas, postos de saúde, praças e vários outros equipamentos públicos.

⁶ É comum o romeiro referir-se ao Padre Cícero com “Meu padrinho”.

⁷ Utilizando a expressão de Da Matta (1997), referindo-se ao Carnaval, o tempo das romarias é cósmico e cíclico, remetendo os participantes para fora de seus contextos de origem, pondo-os em contato com o mundo do sagrado, do divino, do sobrenatural.

⁸ O que nos leva a considerar que “a manutenção da diferença cultural e a insistência nessa diferença podem por si mesmas tornar a ação ritual expressiva das relações sociais” (LEACH, 1996).

⁹ Atividade geralmente desenvolvida por mulheres, consiste na modalidade de comércio ambulante de produtos numa espécie de bandeja com alças de couro que circulam o pescoço para firmá-la na altura da barriga e permitir livre deslocamento.

¹⁰ É comum para muitas famílias evitar sair de casa em períodos de romarias. Queixam-se do caos no centro, da bagunça, do calor, do trânsito, da superlotação. Em conversas informais com pessoas da cidade, identificam-se disposições em famílias de classe média e indivíduos pertencentes a setores mais privilegiados para se deslocam para chácaras ou destinos fora da cidade enquanto dura a romaria.

¹¹ Refiro-me a indivíduos moradores que em seus relatos referem-se aos romeiros manifestando descontentamento com sua presença.

¹² A Secretaria de Saúde do Município detecta significativo aumento de viroses e endemias após os períodos de grandes romarias.

¹³ Os registros de ocorrências de furtos, roubos e assaltos à mão armada crescem nos períodos de romaria segundo dados da polícia civil local.